

Produção do conhecimento, políticas linguísticas e ensino de línguas: contribuições da Análise do Discurso

Fabiele Stockmans De Nardi¹

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

Luciana Iost Vinhas²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Vanise Gomes de Medeiros³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

Apresentação

A questão da língua é, portanto, uma questão de Estado, com uma política de invasão, de absorção e de anulação das diferenças, que supõe, antes de tudo que estas últimas sejam reconhecidas: a alteridade constitui na sociedade burguesa um estado de natureza quase biológica, a ser transformado politicamente (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 37).

Em *Cartas a Cristina*, ao falar sobre a relação entre orientando e orientador, Paulo Freire (2003, p. 217-218) diz que “Não é possível criar [...] sem séria disciplina intelectual, mas também não é possível criar sob um sistema de regras fixas, rígidas, impostas por alguém”. Em suas considerações sobre a relação orientador-orientando e o trabalho de escritura de

¹ Professora Associada II da Universidade Federal de Pernambuco, é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Pesquisadora do NEPLEV - Núcleos de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (UFPE), do Grupo de Estudos em Práticas de Linguagem Latino-Americanas (UFRPE) e do LaDo-ELE - Laboratório de Formação Docente - Espanhol como língua estrangeira (UFPE). Atualmente, coordena o Programa de Residência Pedagógica - Núcleo de Língua Espanhola da UFPE. E-mail: fabielestockmans@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7083-1999>.

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel. Coordena o grupo de pesquisa Ordinário do Sentido e Resistência (OuSaR). É pesquisadora nos grupos de pesquisa Oficinas de Análise do Discurso (UFRGS), Laboratório de Estudos em Análise do Discurso (LEAD-UFPel), Grupo de Estudos Pecheutianos (GEP-UNIPAMPA) e Grupo de pesquisa na articulação Língua, Direito, Estado e Sociedade (GELIDES-IFSul). E-mail: lucianavinhas@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1026-2277>.

³ Professora associada da UFF, com pós-doutorado pela Université Paris III. Bolsista do CNPq e Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). Líder do grupo Discursividade, língua e sociedade (CNPq), coordenadora do Grupo Arquivos de Língua (GAL/UFF) e pesquisadora do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF). Atua nos campos da Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. E-mail: vanisegm@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6998-9377>.

uma tese, Freire remete, em nossa compreensão, para a própria dimensão do trabalho educativo, esse em que o acesso ao conhecimento já produzido e às condições de dele apropriar-se criticamente são movimentos que devem apontar para a criação, para a invenção, para o questionamento e a autoria. Partindo de um lugar em que educação é construção, é lugar de sujeitos em construção, a figura desse professor-orientador que questiona, apoia, convoca ao exercício intelectual, se faz como um exercício de compromisso tanto com a construção do saber, quanto com esse outro com quem dialoga, que se vê reconhecido como sujeito do saber, capaz de compreender, questionar e produzir saberes... outros saberes, práticas outras que se dizem pelas línguas, num trabalho sobre as línguas e com elas pelo qual o sujeito vai produzindo seus gestos de autoria.

A proposição deste número temático se fez a partir da observação das contribuições trazidas pela Análise do Discurso pecheutiana na produção de reflexões sobre a construção de conhecimentos e/ou discursos sobre a língua(gem), e de uma compreensão acerca da importância de se olhar para esses modos de conhecer as línguas, de dizê-las, bem como de observar como esse conhecer-dizer as línguas e relacionar-se com elas ressoa no conjunto de políticas e prática linguísticas, educativas e de ensino de línguas de que somos (a que estamos), de alguma forma, sujeitos.

Num período em que vivemos tantos embates no campo da educação, e em que vemos palavras como liberdade de escolha, flexibilização, neutralidade, entre tantas outras, fazendo ressoar sentidos sobre a educação e as línguas, sobre os sujeitos e suas práticas, é urgente que nos perguntemos sobre o lugar da(s) língua(s) nas práticas educativas, seu modo de estar, suas possibilidades. É urgente repensar as formas de ler o político que atravessa as diferentes formas de produzir leituras, os modos de se construir conhecimento e de dizê-lo, as políticas de produção e acesso ao conhecimento, o construir/divulgar conhecimento como um ato político.

Isso é o que encontramos no conjunto de textos que compõem esse número temático: olhares sobre a língua, a política, o conhecimento. E iniciamos nossas conversas com um texto que nos traz um movimento necessário, corajoso e consequente. Trata-se do artigo intitulado *Gestos de ensino. Um dispositivo de trabalho com a língua na pesquisa*, de Maria Onice Payer (CNPq), em que a autora analisa uma experiência de trabalho em um curso com professores da educação básica no qual se viu diante uma prática marcada por formas “de proposição ou de sugestão de experiências possíveis e factíveis pelos sujeitos do ensino, em seu modo de trabalho cotidiano”. Ao nos convocar a uma reflexão sobre a sugestão e a denúncia como formas de dizer, de se fazer ouvir, atuar e, poderíamos dizer, de resistir na vida social, Payer trabalha os gestos de ensino a partir de um olhar em que a orientação, o questionamento, a observação e a proposição se fazem como verdadeiros exercícios de análise da linguagem em suas possibilidades de deslocamentos e resistência, de nós mesmos em nossas práticas de fala, de escuta, de ensino.

Um gesto de ensino é, em nossa compreensão, também o que nos traz, em seu texto *Procedimentos para uma intervenção pedagógica na perspectiva discursiva*, Carolina

Fernandes (UNIPAMPA). A autora propõe um deslocamento da posição-pedagógica tradicional no ensino de língua portuguesa na Educação Básica para uma posição que tome a concepção de língua da Análise do Discurso como base para as intervenções pedagógicas, possibilitando ao professor a criação de um dispositivo pedagógico. Tal dispositivo deve contemplar uma unidade didático-discursiva, a qual aborda a tensão entre paráfrase e polissemia no processo de significação, e, assim, ocorre uma prática pedagógica que favorece a interpretação, a identificação e a compreensão. Com base nisso, tem-se uma intervenção pedagógica que conduz o aluno à assunção da autoria.

Diálogos sobre a autoria no trabalho com a língua é o que também nos propõem os trabalhos que seguem. No primeiro deles, Maristela Cury Sarian (UNEMAT) analisa uma proposta referente ao ensino de gramática de língua portuguesa em uma disciplina de um curso de Letras de uma universidade pública. O texto intitulado *Uma proposta de resignificação de ensino de gramática à luz da língua em funcionamento* aborda a leitura polêmica de uma atividade presente em um livro didático de língua portuguesa. Com a reflexão, ancorada nos pressupostos da Análise do Discurso em relação com a História das Ideias Linguísticas e com a Semântica Histórica da Enunciação, a autora compreende que, através de uma prática voltada para o funcionamento da língua, é possível dar consequência à constituição da autoria inscrita na história no ambiente escolar.

Também nos caminhos da autoria se inscreve o trabalho de Mizael Inácio do Nascimento (UFRPE) e Fabiele Stockmans De Nardi (UFPE), que, em *Escrit(ur)a e autoria na língua do outro: língua, discurso e resistência(s)*, trabalham com os diferentes gestos que formam a trama da escrit(ur)a acadêmica, por meio da análise de trabalhos produzidos por estudantes do curso de Letras-Espanhol da UFRPE em situação de intercâmbio na Universidade de Buenos Aires (UBA). Ao debruçar-se sobre os gestos de autoria no espaço acadêmico, a partir de uma pesquisa mais ampla que resultou na tese de doutorado de Nascimento (2020), observam os modos como se produz a necessária (re)inscrição enunciativa desse sujeito que enuncia numa língua outra, apontando que a “inscrição nessa discursividade, ainda estrangeira para eles, se produz, predominantemente, no nível enunciativo-discursivo”, e apontando para as rupturas necessárias, nos espaços de formação, para que se possam criar condições de desestabilização do já-posto em nossas práticas.

Dos gestos de ensino, de (re)leitura e de (re)escritura passamos a gestos que se voltam para políticas linguísticas e para o político na língua tendo como foco instrumentos linguísticos que circulam também no espaço escolar. É o caso de dois artigos a seguir que se debruçam sobre dicionários. Com o primeiro, intitulado *A divisão social do trabalho de leitura em dicionários escolares de Língua Portuguesa*, de Verli Petri (UFSM), Maria Claudia Teixeira (UNICENTRO), Marilda Aparecida Lachovski (Colégio Estadual do Campo da Sebastiana Silvério Caldas) e Maria Cleci Venturini (UNICENTRO), dicionários escolares, destinados a alunos do ensino básico por meio de políticas públicas do estado, são objeto de estudo. A partir do recorte de quatro verbetes, voltados para relações interpessoais em decorrência do fato de tais relações serem uma questão presente em sala de aula, as autoras promovem uma análise

acerca dos modos de funcionamento da ideologia na seleção de verbetes, na remissão a outros, na forma definitiva, entre outros fatores considerados. Em tal análise, recuperam os critérios estabelecidos pelo PNLD, como é o caso da delimitação do número de verbetes, para discutir seu impacto nos dicionários escolares em diferentes momentos. E, assim, nos levam a refletir sobre a “divisão social do trabalho” de leitura no espaço escolar a partir de Pêcheux.

Dos dicionários escolares, caminhamos para os dicionários online. É sobre essas ferramentas linguísticas e seu funcionamento que se ocupa Ronaldo Adriano de Freitas (IFF), em seu artigo *Discurso, Ensino e Tecnologias da Linguagem: Dicionários Online no Ensino de Língua Portuguesa*. Ao trazer o político como elemento constitutivo do trabalho de dicionarização, Freitas aponta a importância de sua incorporação enquanto objeto de estudo e análise nos processos pedagógicos, a partir de um questionamento acerca da incorporação, pela escola, das tecnologias digitais e suas contribuições para a construção do conhecimento. Em seu trabalho, o autor nos convoca a uma reflexão sobre as relações entre as palavras, produzidas por essas ferramentas informacionais, uma reflexão sobre o sentido, visto que “compreender o sentido é compreender os posicionamentos assumidos nas definições apresentadas”.

O próximo artigo, de Luisa da Silva Hidalgo (UFPEL) e Luciana Iost Vinhas (UFRGS), continua a trabalhar com políticas linguísticas se voltando, agora, para a legislação sobre línguas. As autoras apresentam o artigo *Políticas linguísticas sobre o ensino de espanhol no Brasil: efeitos do discurso neoliberal*, no qual propõem uma reflexão sobre políticas linguísticas referentes ao ensino de língua espanhola no Brasil, discutindo sobre o funcionamento discursivo das legislações sobre a temática. O foco do trabalho está no período que inicia com a publicação da Lei do Espanhol até o movimento FicaEspanhol. A discussão retoma as bases do discurso neoliberal em relação com a gestão das políticas linguísticas, especialmente no período mais recente, pós-reforma do Ensino Médio. Conforme as autoras, um dos principais efeitos da reprodução desse discurso se dá pelo apagamento da língua espanhola na legislação, apontando para a prevalência da língua inglesa no ensino de língua estrangeira nas escolas brasileiras.

Seguimos agora tendo LIBRAS na pauta das reflexões. Em *Entre-línguas brasileiras: Libras na política de divulgação do conhecimento*, Bethania Mariani (UFF), Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UERJ), Élcio Aloisio Fragoso (UNIR) e Magno Prado Gama Prates (UNIR) nos colocam diante de uma proposta de construção e de inclusão de um sinalário de Libras para uma enciclopédia virtual sobre termos e conceitos em Análise do Discurso, a ENCIDIS (Enciclopédia Virtual do Discurso). Ancorada na História das ideias Linguísticas na relação com a Análise do Discurso, tal proposta, que faz parte de um projeto de tradução da enciclopédia, vem acompanhada de uma reflexão acerca da descrição, interpretação e divulgação do que se considera como conhecimento, das implicações decorrentes de tradução, no caso, para LIBRAS, da recuperação da historicidade da Língua Brasileira de Sinais, e, ainda, de ponderações relevantes acerca de política de línguas.

São diversas as esferas da produção de conhecimento e de ensino que este número agasalha. Com os artigos a seguir, reflexões sobre o sujeito que entram em cena. No artigo de Giovani Forgiarini Aiub (IFRS) é sobre o sujeito em processo de aprendizagem que recai o foco. Em *O processo de aprendizagem de língua estrangeira e seus efeitos na constituição subjetiva*, o autor propõe uma reflexão referente aos efeitos do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira na configuração identitária do sujeito. A discussão abrange a forma como o sujeito é configurado na Análise do Discurso, abordando elementos teóricos concernentes à relação entre língua, interpelação ideológica e produção dos sentidos, visto que as historicidades de línguas distintas produzem efeitos no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Nesse processo, Aiub entende que a identificação deve ser compreendida como uma referência ao dizer; essa proposta se relaciona à noção de postura subjetiva, conforme desenvolvida pelo autor em outro estudo.

É ainda para questões relativas ao sujeito que se volta o artigo a seguir. Em *A constituição do sujeito caiçara pela ordem da língua e do trabalho*, Ana Maria Silva (ICAPES) e Gesualda Rasia (UFPR) se ocupam de uma discussão referente ao sujeito caiçara, habitante do litoral paranaense: as autoras buscam compreender os efeitos de sentido estabelecidos sobre esse sujeito com base em diálogo realizado com diferentes moradores da região de Guaratuba, local onde residem e trabalham. Com isso, Silva e Rasia buscam dar visibilidade a um espaço de tensão na significação do sujeito caiçara, na escola e no trabalho, tratando sobre o processo de formação da população caiçara e sobre o trabalho caiçara no capitalismo. Com as análises, compreendem que há, predominantemente, a construção de projeções negativas sobre o sujeito caiçara. Por um lado, tanto a escola quanto o próprio caiçara mantêm a reprodução dessa negatividade; por outro, os estudantes possibilitam que os sentidos fluam em outra direção.

É ainda um debruçar-se sobre os sujeitos e seus discursos o que vamos encontrar em *Um olhar discursivo sobre a “Sala De Professores” na Revista Nova Escola: Dizeres docentes e sentidos de formação profissional*, de Lucas Carboni Vieira (UFRGS) e Dóris Maria Luzzardi Fiss (UFRGS). Nele, os autores se ocupam de depoimentos de professores, publicados na Revista entre os anos de 1987 e 1988, para compreender os efeitos de sentidos sobre o ser professor que se produzem a partir das materialidades em análise. A partir desse gesto de leitura, os autores apontam o “efeito de sentido de experiência como saber válido” como aquele que se destaca. Experiência se repete, nesse corpus, fazendo ruído e apontando para um dizer que reforça a separação entre teoria e prática no trabalho do docente, bem como lhe retira do lugar de autor de sua própria prática.

É também sobre sujeitos e sentidos e a forma como vão sendo produzidos pelos discursos sobre a educação que vão nos falar Ana Cláudia Fernandes Ferreira (UNICAMP) e Juciele Pereira Dias (UFRJ) em *Sentidos da denominação Campo da vida cotidiana na BNCC: a política de uma língua*, artigo no qual produzem uma reflexão criteriosa acerca do comparecimento da questão do cotidiano e de seu funcionamento neste documento. Para isto, as autoras recuperam, expõem e discutem cuidadosamente importantes noções

produzidas em pesquisas apoiadas na Análise do Discurso em sua articulação com a História das ideias Linguísticas, realizam gestos analíticos voltados para as questões da diversidade e unidade linguísticas, mostram como o cotidiano vai sendo disciplinarizado e “reduzido a um conjunto de gêneros textuais” e ainda acenam para várias questões prementes relativas a línguas e a políticas linguísticas que carecem de análise e de respostas.

É para as políticas e seus efeitos, seus modos de produzir sentidos para/sobre os sujeitos e as línguas, que nos convidam a olhar Jael Sânera Sigales Gonçalves (UNICAMP) e Mônica Zoppi Fontana (UNICAMP), no artigo *O direito como instrumento de políticas linguísticas no espaço de enunciação brasileiro: questões para a Análise materialista de Discurso*, trabalho que nos coloca diante de uma densa reflexão sobre línguas no espaço brasileiro. Articulando três campos teóricos, História das Ideias linguísticas, Análise Materialista do Discurso e Filosofia do Direito, as autoras nos levam a percorrer um trabalho de arquivo (de montagem e de leitura) sobre as práticas de regulação da língua no Brasil ao lado de um trabalho teórico-analítico, com os deslocamentos epistemológicos em função do campo do direito, sobre as discursividades engendradas nos gestos jurídicos inscritos na diversa documentação de que resultam tais práticas. Uma leitura fecunda e necessária acerca do saber jurídico sobre a língua com suas implicações em políticas de língua e com impacto na “luta contra o racismo e o colonialismo constitutivos da política de línguas que rege os instrumentos jurídico-linguísticos na gramatização brasileira”.

Essa teia complexa que vai dos gestos de ensino para os instrumentos linguísticos, dos sujeitos e das línguas para as políticas, nos leva ao trabalho *História das Ideias Linguísticas e sua institucionalização: um primeiro percurso em um programa coletivo de pesquisa*, de Amanda Eloina Scherer (UFSM), Claudia Regina Castellanos Pfeiffer (UNICAMP), Vanise Gomes de Medeiros (UFF) e Thais de Araújo da Costa (UERJ), que tem como foco o próprio campo de conhecimento que é a História das Ideias Linguísticas no Brasil. Como o título já indica, trata-se da construção de um programa de pesquisa que pretende envolver diversos pesquisadores. No artigo, somos instados a conhecer alguns dos movimentos iniciais da pesquisa que passam pela constituição e circulação de tal campo no Brasil, por sua institucionalização, em que se considera, no caso, seu percurso na ANPOLL, por sua representatividade, em que se observa o quadro de pesquisadores com bolsa produtividade do CNPq, e, ainda, por sua disciplinarização, em que se promove um levantamento de sua presença em universidades brasileiras, seja em programas de pós-graduação seja nos cursos de graduação.

O conjunto de textos reunidos nesse número temático revela a potência e a diversidade de olhares que, a partir dos campos da Análise do Discurso materialista e da Histórias das Ideias Linguísticas no Brasil, vão se construindo em movimentos que nos convocam a trabalhar com as línguas, sobre elas, por elas. Produzindo resistências por meio de gestos de leitura, de ensino, gestos políticos, os trabalhos que ora apresentamos são, para nós, um conjunto de gestos que insistem em deixar (re)existir a língua e os sujeitos no espaço heterogêneo do discurso, chamando-nos a um trabalho com a língua em que se reconheça, como nos disse Pêcheux (1998, p. 50),

[...] que toda língua natural é também, e antes de tudo, a condição de existência de *universos discursivos não estabilizados logicamente*, próprios ao espaço sócio-histórico dos rituais ideológicos, discursivos filosóficos, enunciados políticos, expressão cultural e estética. Nessa segunda categoria de universos discursivos, a ambiguidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável [...].

Esperamos que a leitura desse dossiê, que foi idealizado a partir dos diálogos tecidos durante a realização do IX Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), na cidade do Recife, em novembro de 2019, leve a outras leituras, a leituras outras, a gestos diversos pelos quais possamos tensionar a palavra, compartilhá-la.

Referências

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e a minha práxis*. Direção, organização e notas Ana Maria Araújo Freire. 2. ed. rev. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. [1981] *A língua inatingível*. O discurso na história da linguística. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. Tradutor: Faustino Machado da Silva. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 4, p. 35-55, 1998.